

# Banco quer bancar projetos na Amazônia

As áreas de interesse são as de extrativismo, manejo florestal e ecoturismo. O primeiro projeto financiado será na ilha de Marajó, no Pará

**Roseli Garcia**  
 SUCURSAL DE BRASÍLIA

Os investidores da Amazônia não precisam mais reclamar da ínfima parcela de recursos destinada à região pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Banco da Amazônia (Basa). Uma instituição financeira privada que encara o verde como negócio e pretende investir basicamente em produtos que preservam o meio ambiente está começando a funcionar no Brasil. Trata-se do Banco Axial, fundado em janeiro de 1997 em São Paulo, por Pierre Landolt.

As atividades consideradas prioritárias pelo banco se confundem com as metas de qualquer Organização Não Governamental (ONG): extrativismo, manejo florestal, agricultura orgânica, ecoturismo, biodiversidade e energia renovável. "Tudo com viabilidade econômica, como manda as regras de mercado", anunciou o vice-presidente executivo do Axial, John Michael Forgách, ex-vice-presidente do Chase Manhattan Bank em Nova York, durante uma palestra para ambientalistas e executivos do Banco Mundial, em Brasília.

O extrativismo sustentável de palma de açaí para palmito e polpa, na Ilha de Marajó no Pará, será o primeiro projeto a ser lançado pelo banco em abril. O financiamento envolve US\$ 1,8 milhão. Também no Pará, o Axial está investindo US\$ 1 milhão na preparação da fibra de coco para indústria montadora, jardim e construção civil. No Amazonas e no Mato Grosso, a instituição está aplicando US\$ 40 milhões no reflorestamento para exploração sustentável de madeira.

A globalização exerce pressão sobre o mercado de madeira e a agricultura. A única saída é ordenar a exploração desses produtos", explica o vice-presidente. A escolha dos projetos é orientada pela demanda e a opção por investir na América Latina aconteceu por ser o continente mais preservado do planeta, comparado com a África, o Sudeste Asiático e a América do Norte, acrescenta.

"Os investidores do banco acredita que encontrou um nicho de mercado nessa área, porque não tem nenhuma instituição financeira trabalhando com projetos sustentáveis ou preocupada em investir em regiões emergentes como o Amazonas, Tocantins e o Mato Grosso", declara Forgách. Em sua opinião, os bancos preferem investir em São Paulo, deixando esses locais carentes.

Para bancar os custos dos projetos preservacionistas, o método de trabalho do Axial é contrário ao usado normalmente. "Trabalhamos de trás para frente. Primeiro falamos com mercado para descobrir quais os produtos que ele quer. Na fase seguinte vamos descobrir o melhor local para viabilizar a produção". Mesmo com essa precaução, o executivo calcula que um terço do investimento será ruim. Ele faz questão de ressaltar que não se trata de fundo ambiental, os investimentos do Axial terão que apresentar resultado positivo tanto na conservação do meio ambiente quanto no balanço econômico.

O banco trabalha em parceria com as ONGs que atuam no Brasil, como o WWF, Amigos da Terra e Pró-Natura. "Elas facilitam o acesso às comunidades da Amazônia", revela. Segundo John Forgách, o mercado do hemisfério Norte está sedento pelo suco de Açaí, indicado como redutor do colesterol. Mas a preocupação com a extração sustentável e as comunidades da Amazônia impede que a produção seja iniciada rapidamente.

"Antes de iniciar o fornecimento da polpa da fruta temos que desenvolver mecanismo capaz de manter a produção. Caso contrário haverá desmatamento e o coitado do amazense será prejudicado". O Axial está investindo US\$ 2 milhões na recuperação de área degradada na Ilha de Marajó para plantação da palmeira de açaí. O chamado "banco verde" não tem intenção de introduzir outras culturas ou plantas estranha à floresta amazônica ou em qualquer parte da América Latina. "A intenção é respeitar a diversidade. Vamos investir na criação do pirarucu no Amazonas, do pintado".



Experiência que vem sendo desenvolvida utilizando o sistema agropastoril englobando árvores de ingá, paricá e mogno

## Governo reage às críticas do Axial

Euzivaldo Queiroz - 3/mar/99

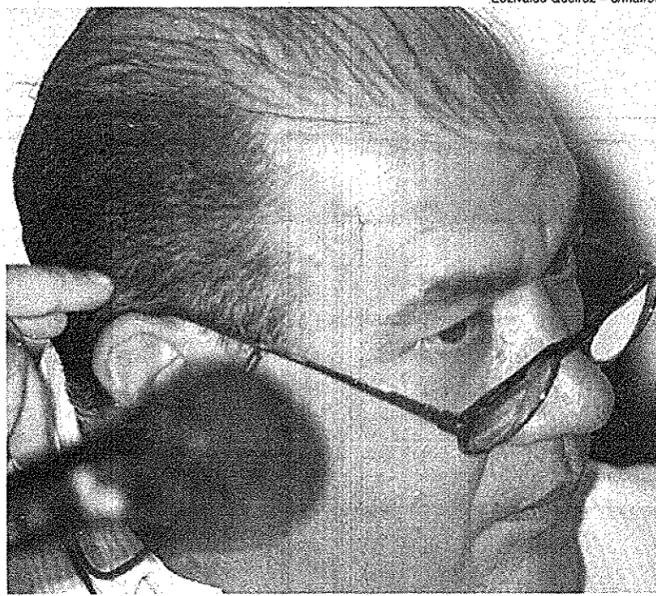
**“O governo sabe que se não buscar o setor privado não toca o programa sozinho”**

**Wanderley Messias**

O coordenador do Programa de Biotecnologia da Amazônia (Probem), Wanderley Messias, se recusa a aceitar as críticas do vice-presidente do Banco Axial, John Michael Forgách, de que o projeto quase afundou por falta de participação da iniciativa privada. E anuncia a criação pelo governo federal de uma Organização Não Governamental (ONG), que contradiz o próprio nome, justamente para viabilizar a parceria com o setor privado.

Trata-se da Associação Brasileira para Uso Sustentável da Amazônia (Bioamazonia). A entidade terá um conselho, formado por representantes do governo e da iniciativa privada, que definirá as ações do Probem. "O governo sabe que se não buscar o setor privado não toca o programa sozinho", afirmou Messias. O orçamento da União destina R\$ 6 milhões para a construção do Centro de Biotecnologia em Manaus.

**Quem participa** - O Conselho da Bioamazonia tem a participação do presidente da Federação das Indústrias do Amazonas (Fieam), José Nasser, do presidente do Instituto Osvaldo Lodi (IEL),



Wanderley Messias, do Probem, rechaça as críticas de Forgách

Moisés Israel, do presidente da Gradiente, Eugênio Staub e do presidente da Biobrás (empresa de biotecnologia de Minas Gerais), Marcos Mares Guia.

Segundo Messias, a proposta de criação de um fundo para financiar o Probem não foi apresentada apenas ao Banco Axial. O Banco do Brasil, que tem um fundo financeiro para empresas emergentes, também examina o assunto. O financiamento das duas ins-

tuições serão examinados pelo conselho da Bioamazonia no dia 23. A entidade terá escritórios em Brasília, São Paulo e Manaus. Por enquanto o Probem - vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e a Suframa - tem convênio apenas com os setores públicos: Banco da Amazônia, Banco do Brasil, Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), Secretaria Especial de Políticas Regionais e Ministério do Meio Ambiente.

## Recursos somam US\$ 20 milhões

O Axial adota as diretrizes ambientais do Banco Mundial e foi escolhido por esta instituição para administrar o Fundo de Investimento em Projetos de Biodiversidade para a América Latina, denominado "Terra Capital Fund". O capital inicial da instituição financeira é de US\$ 20 milhões.

A entidade trabalha com três departamentos independentes: de análise e pesquisa, jurídico e ambiental. Os serviços prestados atingem os setores de fusões e aquisições de companhias e tecnologias, parcerias de investimento,

financiamento de projetos, captação no mercado de capitais e investidores institucionais.

O fundador e sócio majoritário, Pierre Landolt, formou uma equipe de executivos com experiência nos mercados financeiros nacional e internacional. Landolt integra o conselho da Novartis AG, empresa dos setores de nutrição, saúde e agribusiness, preside o conselho do Grupo Citco Ltda., administrador de Fundos Mútuos Estrangeiros, e faz parte do conselho do Banque Edouard Constant, instituição privada de Genebra (Suíça).

## 'Probem é chapa branca'

O Programa de Biotecnologia da Amazônia (Probem) recebeu duras críticas do vice-presidente do Banco Axial, John Michael Forgách, que acabou viabilizando a criação de um fundo de empresas privadas para financiar a iniciativa. "O Probem se transformou num gigantesco projeto chapa branca e os cortes de recursos exigidos pela crise econômica quase o afundou", declarou Forgách, sobre o programa considerado a "menina dos olhos" da Suframa e do Ministério do Meio Ambiente, durante palestra no auditório do Banco Mundial em Brasília.

"A disputa de interesse entre o Banco do Brasil, Suframa, governo do estado e governo federal acabou alijando a participação da iniciativa privada", observou. Forgách lembrou que na primeira reunião, ocorrida em Manaus, quase não tinha a participação de empresá-

rios. Após os cortes orçamentários, os coordenadores do programa procuraram o Axial para viabilizar investimentos.

Em novembro passado, o coordenador do Probem, Wanderley Messias da Costa, admitiu um corte de cerca de R\$ 4 milhões de um montante inicial de R\$ 11 milhões. Forgách discutiu o assunto com os grandes laboratórios, como Nestlé, Monsanto e outros. "Eles aceitaram participar de um fundo permanente para uso sustentável na Amazônia", afirmou o vice-presidente do Axial.

O executivo acredita que a participação das grandes empresas dá credibilidade ao programa. Na intermediação da proposta, o Axial fez exigências para a proteção de patentes e dos recursos genéticos, afirmou Forgách. O executivo ressaltou que o governo tem participação assegurada no Probem.